



ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: QUAL MACHADO? O SEPULTAMENTO DA OMISSÃO

Welisson Bernardi

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História - Universidade de Passo Fundo
(UPF)

1. Introdução

Joaquim Maria Machado de Assis, negro, pobre, feio, gago, epiléptico, doente, triste, retraído e desconfiado. Estes foram alguns dos adjetivos atribuídos ao autor, pela escritora Lúcia Miguel Pereira, na clássica biografia *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Escritor este, que viria a se tornar, segundo Alfredo Bosi, ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira, (Bosi, 2017, p. 184) entrando em diálogo com as vozes decisivas da literatura ocidental, como bem mencionou José Guilherme Merquior. (Merquior, 2014, p. 249).

Vivendo em meio a um Rio de Janeiro insalubre e escravocrata, foi acusado de omissão por não se posicionar de forma incisiva na defesa da abolição e principalmente acusado de não representar seus pares de cor e as mazelas sociais do Brasil na sua obra. Clóvis Moura em *A sociologia do negro brasileiro*, argumentando sobre o mundo ficcional dos romancistas brasileiros, que estava impregnado de valores brancos, com um modelo de beleza greco-romana, onde a realidade e o povo eram apenas pano de fundo nas obras, o negro nunca entrara como herói e o indígena era europeizado. Neste contexto, cita o exemplo de Machado de Assis, “que escreve durante a escravidão como se vivesse uma realidade urbana europeia, querendo branquear seus personagens, heróis e heroínas” (Moura, 1988, p. 27). José Veríssimo o chama de mulato, mas o associa a um grego. Para Joaquim Nabuco, Machado de Assis era branco e grego. Já Silvio Romero, o considera um “nítido exemplar da sub-raça americana”. Se considerarmos o documento escrito como única fonte histórica confiável, como faziam os historicistas do século XIX, em sua certidão de óbito consta que sua raça era branca. Brookshaw, em *Raça e cor na literatura brasileira* (1983), afirma que Machado nunca se preocupou com o problema racial, e raramente abordou as questões referentes à escravidão, cuja abolição ocorreu enquanto ele ainda estava vivo. Domício Proença Filho, no artigo *A trajetória do negro na*



literatura, afirma que a literatura machadiana é indiferente à problemática do negro e dos descendentes de negro, como ele. Mais impetuoso ainda, o historiador Martiniano J. Silva em seu livro *Racismo à brasileira – raízes históricas* (1995) salienta que a preocupação de Assis era manter seu status social perante a sociedade elitista na qual estava inserido, escondendo suas raízes afrodescendentes e até mesmo a pobreza que passou no decorrer da vida.

Acima são apresentadas algumas citações que contrariam os argumentos expostos neste trabalho, que surge justamente de uma observação de um crescente interesse em torno do autor, que envolvem principalmente as questões raciais e tentativas de branqueamento do escritor. Visa pesquisar o estado da arte das pesquisas acadêmicas na pós-graduação no Brasil no período de 2013 a 2023, especificamente nas dissertações e teses que abordam a questão do negro e da escravidão. Trabalhos que nos ajudam a compreender a relação de Machado de Assis com estas temáticas, que servem como fundamentação para enterrar a ideia de um autor omissa em relação escravidão e ao negro, ambos considerados a coluna vertebral da história nacional e elementos constitutivos da formação brasileira.

2. Metodologia

A metodologia do trabalho parte de um levantamento bibliográfico inicial com o intuito de apresentar um panorama das pesquisas atualmente, e está delimitado a dissertações e teses na área de História e Literatura, circunscrito ao período de 2013 a 2023. Após a leitura, foram abordadas as temáticas preponderantes e o tratamento metodológico dado a elas. Uma vez que Machado de Assis se apresenta como um tema virtualmente inesgotável, busco encontrar as especificidades das investigações acadêmicas feitas na contemporaneidade a seu respeito, tendo como ênfase o tema da escravidão e negritude. Após análise do corpus, constituído por 8 trabalhos na área de



Literatura¹ e 4 trabalhos na área da História², são abordados conceitualmente algumas possibilidades de análise de Machado de Assis entre as duas áreas e por fim uma conclusão de como a academia está trabalhando o autor nestas temáticas.

A expressão literária pode ser tomada como uma fonte de representação social e histórica, sendo testemunha de uma época, um produto sociocultural, estético e histórico que representa as experiências humanas (Borges, 2010, p. 98). Para a produção do conhecimento histórico a partir da literatura, é preciso fazer uma reflexão sobre ela, problematizá-la e historicizá-la. O literato não cria nada a partir do nada, não se faz literatura sem contato com a sociedade, cultura e história (Borges, 2010, 102-103). Segundo Pesavento (2015), a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal, mas a partir da representação do mundo que ela comporta. A intenção do texto literário não é provar que os fatos narrados tenham de fato acontecido, mas comportar em si uma explicação do real e traduzir uma sensibilidade diante do mundo, recuperada pelo autor (Pesavento, 2015, p. 12). A literatura muitas vezes se apresenta como um instrumento, uma fonte para análise de alguns aspectos da vida e dos costumes. Gilberto Freyre, citando romancistas, folhetinistas e escritores de teatro, destaca que esses escritos, inclusive os de Machado de Assis, fixaram com maior ou menor realismo, aspectos da vida doméstica e sexual do brasileiro; das relações entre senhores e escravos; do trabalho nos engenhos; das festas e procissões (Freyre, 2006, p.50).

¹ Mirella Cordeiro do Amaral. *Primeiras crônicas machadianas: a representação do escravo no Diário do Rio de Janeiro (1864-1865)*. 2017.

Maria Rita Vieira Coelho. *Casos arquivados – crônicas e pareceres de Machado de Assis sobre políticas legislativas emancipatórias*. 2016

Harion Marcio Costa Custódio. *Figurações da abolição da escravidão em Memorial de Aires e Vencidos e degenerados*'. 2020.

Atilio Bergamini Junior. *Criação literária no outono do escravismo: Machado de Assis*'. 2013.

Gilberto Egydio dos Santos Junior. *Os sentidos de escravo em Memórias Póstumas de Brás Cubas*'. 2019.

Beatriz de Carvalho Monteiro. "Maria Moisés" e "Pai contra Mãe": casamento, trabalho e maternidade em narrativas de Camilo Castelo Branco e Machado de Assis'. 2020.

Jheniffer Alves De Oliveira. *O negro na ficção de Machado de Assis*'. 2022.

Vladimir Miguel Rodrigues. *Primeiro como tragédia, segundo como farsa: escravidão, abolição e democracia racial na Literatura de Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins e Ferréz*. 2020.

² Salua Francinele Ribeiro. *Os descaminhos políticos nos debates sobre a abolição na série de crônicas "Bons dias!" de Machado de Assis*. (Jornal Gazeta de Notícias, 1888-1889). 2015.

Larissa Alves Mundim. *Nos labirintos de Clio: política, indianismo e história na poesia de Machado de Assis*. 2017.

Vilker Silva de Moura. *Machado de Assis pensando a abolição*'. 2019.

Rafael Benvindo Figueiredo Galante. "Essa gunga veio de lá!": sinos e sineiros na África Centro-Ocidental e no Brasil centro-africano. 2023.



3. Resultados e discussão

Pela proposta deste trabalho, não temos como explorar nas especificidades cada um dos trabalhos analisados. De forma geral, um dos temas mais abordados, tanto nos trabalhos na área de Literatura quanto na de História, são as críticas e acusações de que Machado de Assis teria sido omissos e absenteísta no posicionamento com relação à abolição, e também em criticar com maior ênfase a escravidão. Foi também acusado de não retratar pessoas negras na sua obra, tendo sempre como protagonistas personagens brancos da elite carioca. Todos os trabalhos colhidos têm uma ideia de consenso de que o autor retratou das mais variadas formas a escravidão na obra. A ideia de um Machado de Assis passivo em relação à abolição e aos absurdos da escravidão se encontram defasadas e mesmo ultrapassadas.

Convivendo diariamente com a escravidão, passando pelo Cais do Valongo, que trazia marcas do comércio negreiro. Machado de Assis não era indiferente a isso. Escrevendo sob o pseudônimo de Manassés, ele classifica a escravidão como uma “detestável instituição social” (Magalhães Junior, 2008, p. 274). Essa abominável instituição está presente em toda sua obra literária, nas relações sociais entre escravos e senhores e senhoras, no dialeto falado por personagens de origem africana, nas crenças, culinária, nos amores trágicos entre senhores e escravas, nos poemas, nos contos, crônicas e romances. Pelo seu próprio temperamento e por ser funcionário público, Machado de Assis não podia se expor como um panfletário da abolição, tratou dessa grave questão a seu jeito, dissimulado e sinuoso, mas não se omitiu, como acusou uma crítica obtusa e ultrapassada. Um provérbio antigo reforça a ideia de um Machado que nutria simpatias pela abolição, “Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és”. Alguns amigos de Machado de Assis: Joaquim Nabuco, Ferreira de Meneses, Joaquim Serra, Artur Azevedo, Paula Ney, Raul Pompéia, etc., todos muito empenhados na causa dos escravos. E ainda o maior de todos eles, José do Patrocínio. (Magalhães Junior, 2008, p. 148-149). No próprio dia da abolição, 13 de maio de 1888, Machado de Assis saiu às ruas:

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em



carruagem aberta, se me fazem favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto. (Assis, 2015, p. 918).

4. Considerações finais

A análise das produções acadêmicas recentes revela um movimento consistente e fundamentado de revisão crítica sobre o papel de Machado de Assis diante das questões raciais e da escravidão. Ao contrário do que sustentou parte da crítica tradicional — que insistia em acusá-lo de omissão, passividade ou desejo de branqueamento —, o corpus examinado aponta para um autor consciente de seu tempo, que lidou com a realidade escravocrata e com sua condição de homem negro a partir de estratégias próprias, marcadas pela sutileza, ambiguidade e crítica implícita.

Com o aporte dos trabalhos acadêmicos analisados e da leitura crítica da bibliografia aqui exposta, concluímos que a literatura machadiana pode e deve ser lida como expressão crítica da sociedade brasileira oitocentista, especialmente no que se refere às contradições da escravidão e à condição do negro. Seus textos, longe de negligenciarem esses temas, os incorporam por meio de personagens, enredos e recursos estilísticos que revelam as tensões sociais, os silêncios estratégicos e as dissimulações características da elite imperial brasileira.

Referências

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis: obra completa em quatro volumes**. Organização editorial Aluísio Leite. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História. Goiania: ano 1, número 3, 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Vida e Obra de Machado de Assis**. v. 2: Ascenção. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Vida e Obra de Machado de Assis**. v. 3: Maturidade. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 148-149.



MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: É Realizações, 2014.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

PESAVENTO, S. J. **Literatura, História e Identidade Nacional**. VIDYA, Santa Maria, RS. v. 19, n. 33, p. 19, 2015.